

Numa passagem famosa da Dama de Espadas, quando perguntada sobre sua preferência entre romances franceses ou russos, a Condessa responde com outra pergunta: “mas existem romances russos?”. De fato, se Púchkin podia contar com uma forte tradição lírica na língua russa, a “desprezível prosa”, em suas próprias palavras, não se fazia tão presente. Jakobson aponta para isso, em seu texto sobre Púchkin, e para seus procedimentos de contaminação entre poesia e prosa. Se, no início de sua vida literária, Púchkin fazia uma poesia carregada de elementos prosaicos, por assim dizer, mais adiante fará uma prosa particularmente poética. É peculiar o espaço ocupado por Púchkin na tradição do romance. Ao escrever romances em versos e epopéias em prosa, ele põe em prática o que dizia ser a grande marca do romantismo, a criação de novos gêneros.

As idéias de Púchkin quanto à constituição dos gêneros no romantismo foram expressas por ele mais tarde, em um texto crítico¹.

Nossos críticos não chegaram a um acordo quanto a uma distinção clara entre os gêneros clássico e romântico. A concepção confusa sobre este tema, nós a devemos aos jornalistas franceses, que via de regra atribuem ao romantismo tudo aquilo que lhes parece trazer a marca do devaneio e do ideologismo alemão, ou basear-se nas superstições e tradições orais do povo: é a definição mais imprecisa. Um poema pode manifestar todos esses indícios e, no entanto, pertencer ao gênero clássico.

Se, em vez de *forma* de um poema, tomarmos como base somente o *espírito* em que está escrito, então nunca nos livraremos das definições. Decerto, um hino do J. B. Rousseau distingue-se, em seu espírito, de uma ode de Píndaro (...) – contudo, todos eles pertencem ao gênero clássico. Neste gênero devem ser incluídos os poemas cujas *formas* eram conhecidas dos gregos e dos romanos, ou cujos modelos eles nos legaram; por conseguinte, a ele pertencem: a epopéia, o poema didático, a tragédia, a comédia, a ode, a sátira, a epístola, o poema heróico, a écloga, a elegia, o epigrama e a fábula.

Que gêneros de poemas então devem ser atribuídos à poesia romântica? Todos aqueles que não eram conhecidos dos antigos e aqueles cujas formas anteriores foram modificadas ou substituídas por outras”.

¹ Púchkin, A. “Sobre Poesia Clássica e Romântica”, in **Caderno de Literatura e Cultura Russa**.

Para Púchkin, o romantismo era sobretudo uma questão formal. Este texto procura se ater à esta questão em sua prosa, em particular em suas *Histórias do Falecido Ivan Petrovitch Bielkin*.

Também chamado de *Contos de Bielkin*, a obra é um conjunto de 5 contos, introduzidos por uma pequena biografia do suposto autor, Bielkin. A biografia é assinada por um vizinho anônimo e introduzida pelo editor, A.P. Assim, o livro tem três narradores: um está morto; outro é anônimo; o último é Púchkin, interpretando a si próprio. Trata-se do motivo do autor suposto: ler tudo como se não tivesse sido escrito por Púchkin, e sim por Bielkin. Este primeiro pacto ficcional, que abre o livro, articula todos os contos em torno de um só eixo, o do narrador comum.

A biografia, muito curta, fala de uma vida absolutamente banal. Por que ele criaria esse narrador? A questão intriga vários críticos, mas dificilmente se vai além da tese de que Bielkin é um difarce displicente de Púchkin.

Bocharov, por exemplo, diz que as características atribuídas são escolhidas para fazê-lo o mais apagado possível, de forma que Púchkin possa esconder a si mesmo e escrever em vários estilos diferentes. Outros apontam que Bielkin seria o sexto conto do livro². Esta interpretação, apesar de atenta ao caráter fictício do narrador, deixa passar os problemas propostos na figura do narrador.

Na biografia fictícia, Bielkin é mostrado como um aficcionado pelas histórias de sua ama, e chega a confiar-lhe a administração da sua propriedade em função disso. A ama, por sua vez, usa as obras do patrão para vedar janelas e acender o fogo.

Aponta-se aí para as relações entre o artista moderno e o narrador tradicional, contador de histórias. Bielkin, na verdade, transita entre esses dois pontos, quando comparado com os outros dois narradores.. É um jogo em que o narrador se define nas relações, e não em si mesmo. Os contos simulam uma narrativa de transição entre o mundo das histórias e o romance moderno, mas ao fazer isso ele já é um livro que se enquadra na concepção de Lukács do que é o romance moderno, segundo a *Teoria do Romance*. Para chegar em como ele cria isso, precisamos nos deter um pouco na personagem de Bielkin como um autor. Por que criar esse autor morto?

Foucault nos fala do nome do autor, ao mesmo tempo evidente e enigmático. “Seria tão falso procurar o autor no escritor real como no locutor fictício; a *função-autor* efectua-se na

² Brown, William Edward. **A History of Russian Literature of the Romantic Period.**

própria cisão – nessa divisão e nesta distância.”³, diz sobre a literatura moderna. Nesse ponto, fica clara a ousadia de Púchkin ao jogar com três narradores. É inútil tentar descobrir qual destes é Púchkin de verdade. O jogo de narradores ficcionais nos propõe uma nova relação autor/narrador.

Ao analisarmos as relações entre escrita e morte, chegamos a uma situação paradoxal, em que a escrita se manifesta como expressão de morte e imortalidade. Como nos diz Abel Barros Baptista, seguindo Foucault, “todo nome é de antemão nome de morto, todo nome anuncia a morte de seu portador, na medida em que lhe sobrevive, na medida aliás em que a própria estrutura do nome se define por essa capacidade de lhe sobreviver”⁴. Ao mesmo tempo imortalidade e condenação, na ficção de Púchkin ele conta sua própria história libertado de seu portador. Bielkin é uma espécie de defunto autor que nos fala a partir da morte, por meio de duas grandes formas de imortalidade: a escrita e a memória. O narrador é uma personagem do livro, que faz essa transição do mundo essencialmente oral, das histórias, para o outro. Nos contos, ele faz um espécie de catálogo do povo russo, os tipos, os hábitos, as histórias. Púchkin nos diz, no início, que todas as histórias são verdadeiras, contadas por amigos de Bielkin, e chega a citar seus nomes, que estariam escritos na margem dos manuscritos. É como se fosse uma coletânea, muito irônica, da vida russa na época.

Segundo Boris Schnaiderman, Púchkin “penetrava nos discursos das épocas e dos países mais diversos”⁵. Este recurso do narrador morto transporta Bielkin a um plano quase mítico, como uma paródia de Homero falando sobre a Rússia e o tempo em que se escrevia.

No entanto, como convém à paródia, inverte-se o sentido original da narrativa. Em vez de ter um caráter conservador – no sentido de fixar a sabedoria e o conhecimento do povo russo – o relato mostra o país sempre com sinal de menos. O narrador não mostra traços de heroísmo, mas, ao contrário, se coloca no nível do leitor.

O narrador-Bielkin, tem uma vida medíocre e desinteressante. De fato, sua figura nada tem a ver com a figura romântica do artista. Em momento nenhum se usa termos como expressão de uma subjetividade, vocação, ou algo do tipo. Em seu texto sobre o autor, João Adolfo Hansen nos fala sobre a noção romântica do autor-presença. Neste aspecto, ao analisarmos esta dança de narradores, o que temos com Bielkin é antes o autor-ausência⁶.

O livro transita entre duas épocas, dois discursos: se por um lado temos o narrador, Bielkin, o artífice e o contador de histórias um narrador benjaminiano. Púchkin, ou a função-

³ Foucault, Michel. **O que é um autor?** Passagens.

⁴ Baptista, Abel Barros. **A Formação do Nome – Duas Interrogações sobre Machado de Assis.**

⁵ Schnaiderman, B. *in* Púchkin, A. **A Dama de Espadas – Prosa e Poemas.**

⁶ Hansen, João Adolfo. “O Autor”, *in* JOBIM, J. L., Org. **Palavras da Crítica.**

autor ali preenchida por ele, é o narrador moderno de romances por excelência, com uma forte carga de ironia, pontos em suspenso e quebras de pacto que caracterizam a sensibilidade romântica.

Para Bakhtin, o romance é um gênero que tem como personagem os próprios gêneros. Ou seja, o principal tema dos romances são os discursos que circulam numa certa sociedade numa certa época. Neste ponto, pode-se encarar os *Contos de Bielkin* como um romance, ou, pelo menos, utilizando procedimentos característicos do romance.

Púchkin constrói um ciclo de contos à maneira do *Decameron*. Não só o primeiro livro de prosa, ele estabelece a ligação com a tradição oral, com o mundo pré-romance. No entanto, em pleno século XIX, esta filiação só pode ser paródica. Púchkin põe em prática uma *romancização* do gênero, segundo a teoria de Bakhtin⁷: subverte este tipo de narrativa já consagrado e fossilizado em toda a Europa, explicita suas bases e mistura-o a outras formas consagradas da época, de forma que os próprios gêneros são personagens dos contos. O autor satiriza as narrativas de sua época – cada conto parodia um tipo de clichê romântico.

Trata-se de um ciclo de histórias, uma paródia do ciclo convencional. Livre do caráter conservador da épica clássica, o que temos é, na verdade, uma grande enciclopédia irônica, tanto de tipos russos quanto de gêneros de discurso. As classes, os personagens, todos recebem este olhar ambíguo, a um tempo afetuoso e cruel.

Assim, a pergunta da Condessa pode ser respondida por seu próprio criador. *Mas existem romances russos?* Púchkin cria o primeiro romance em prosa da literatura russa, enciclopédico e calcado na tradição por um lado, subversivo e inovador por outro.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Homero de Freitas (org.). “Dossiê Puchkin”. **Caderno de Literatura e Cultura Russa**. Ateliê Editorial: São Paulo, 2004.

BAPTISTA, Abel Barros. **A Formação do Nome – Duas Interrogações sobre Machado de Assis**. Editora da Unicamp, Campinas. 2003

⁷ Bakhtin, Mikhail. **Questões de literatura e de estética : a teoria do romance**.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética – a Teoria do Romance**. Ed. Hucitec: São Paulo, 2002.

BROWN, William Edward. **A History of Russian Literature of the Romantic Period**. Ann Arbor : Ardis, 1986. 4 v.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Passagens: Lisboa, 1992

HANSEN, João Adolfo. “O Autor”, *in* JOBIM, J. L. , Org. **Palavras da Crítica: Tendências e Conceitos No Estudo da Literatura Rio de Janeiro** : Imago, 1992

PÚCHKIN, A. **A Dama de Espadas – Prosa e Poemas**. Tradução de Boris Schnaiderman e Nelson Ascher. Editora 34. São Paulo, 1999.

Polnoe sobranie sotchinenii v desiati tomakh. v. 5, Moscou: Izdatel'stvo Akademii Nauk SSSR, 1956.

“Sobre Poesia Clássica e Romântica”, *in* **Caderno de Literatura e Cultura Russa**. Ateliê Editorial: São Paulo, 2004.

MOSER, Charles A., ed. **The Cambridge History of Russian Literature**. Cambridge : Cambridge University Press, 1999.